

O País das Brechas: A Ciberfragilidade de um Estado Desprotegido

Publicado em 2025-05-02 13:18:18



Num tempo em que a guerra se faz por cabos de fibra e algoritmos silenciosos, Portugal continua a confiar num escudo de papel. As nossas infraestruturas tecnológicas, tanto públicas como privadas, estão repletas de brechas — algumas visíveis, outras escondidas sob camadas de ignorância institucional e arrogância técnica.

Demasiado jovem, demasiado fraco

As equipas técnicas em muitas entidades públicas são compostas por jovens recém-saídos das universidades ou cursos técnicos acelerados. Têm energia, mas falta-lhes contexto. Sabem instalar pacotes, mas não compreendem as camadas invisíveis do risco. Sem mentores experientes a seu lado, são como aprendizes a pilotar aviões em zonas de guerra com apenas um manual de instruções.

O mercado valoriza o “dev rápido”, não o “engenheiro resiliente”. E assim se entregam sistemas críticos a quem ainda não teve tempo de falhar, aprender, afinar.

Público ou privado: o risco é comum

Hospitais, tribunais, escolas, autarquias, operadoras, bancos — todos vivem ligados por uma malha digital de confiança implícita. Basta uma falha. Um email inocente. Um acesso não revogado. Um servidor esquecido. E todo o edifício pode ruir.

O setor privado, por sua vez, subcontrata segurança a empresas que entregam firewalls como se fossem extintores: penduram na parede e esquecem. A cloud é usada como fuga para a frente. A cultura digital é superficial. O plano de contingência? “Esperar que não aconteça”.

O problema não é técnico. É civilizacional.

É o desprezo pelo saber acumulado. É o desinvestimento contínuo em quem tem 20, 30, 40 anos de estrada. É o culto da startup sem fundações, do imprevisto sem revisão.

Portugal precisa de um **Plano Nacional de Maturidade Digital** — não apenas para as máquinas, mas para as mentes.

Propostas para um novo paradigma

1. **Mentores tecnológicos em cada estrutura crítica**
Técnicos seniores devem ser colocados ao lado das novas gerações. Não como chefes. Como guias.
 2. **Auditorias obrigatórias de cibersegurança**
A nível local, regional e nacional. Com relatórios públicos.
 3. **Criação de um selo de maturidade digital**
Para premiar instituições que investem em boas práticas, planeamento e formação.
 4. **Programa de formação cruzada**
Gestores aprendem o básico técnico. Técnicos compreendem o impacto estratégico. Um país digital exige transversalidade.
 5. **Sensibilização contínua**
Através de **workshops, campanhas e simulações**. Porque a segurança é uma cultura, não uma configuração.
-

Conclusão: o tempo é agora

Não esperemos pelo próximo ataque para agir. Não façamos da fragilidade uma identidade. Portugal precisa de soberania digital, maturidade tecnológica e pensamento estratégico.

A liberdade de um país também se mede pela sua capacidade de **proteger os seus sistemas, os seus dados e o seu povo**.

Por : [Francisco Gonçalves](#)

in Fragmentos do Caos

Visita a Biblioteca de Fragmentos